

HOMORES MALIGNOS...

AO CABO DE 18 ANOS

Diz-me a minha franqueza rude e portuense que devo falar claramente, balanceando os factos sem espirito de facção, mas também sem perifrases que tender possam empanar-lhes o significado. Não sou dos que pensam que as palavras se fizeram para encobrir o pensamento; julgo pelo contrario, que elas se devem empregar na justa e lidima classificação dos acontecimentos e das ideias. De mentiras está o mundo quasi tam farto como de boas intenções. O grande problema portuêz, está em conseguir-se extirpar a mentira. Porque, na verdade, toda a nossa vida politica-social tem girado á volta de mentiras, e a esse processo de governança se deve a situação de barbaria em que se encontra um país que em vez de 6 milhões de almas, conta apenas 6 milhões de ruminantes. As nossas qualidades racicas, que são verdadeiramente formidaveis, exercem-se num terreno empestado que as anula para as florescencias duma acção colectiva proveitosa, e do seu esforço arbitrario, sem rumo e sem inteligencia, brotam sómente a cubica ladravaz, o egoismo sórdido e rapace, um septicismo repelente que esqutece a colectividade, para só cuidar do individuo. A falta de illustração e de alfabeto é como que um vergonhoso lastro de estupidez e de maldade, e difficil se me affigura saíndo circulo vicioso que vem a ser o tremebundo *pêso morto* da nossa abulia e da nossa calacice. No fundo nós somos, com uma percentagem de 80 ou 90 por cento de analfabetos, uma *raça de escravos e truões.*

conta,
d/
d

d
d
+ se
educação
ndo

A reacção republicana nasceu por efeito da corrupção constitucional. Foram trinta anos de opposição virulenta, de propaganda acesa, incendiaria!

Os caudilhos da ideia nova aqueceram ao rubro a alma da multidão ignorante mas sincera. A retorica comictira procurou efeitos, não arranjou soluções.

A revolta popular ferveu no fogo das apostrofes destruidoras, mas ficou sem as lições do citismo que resulta das obras constructivas. Toda a propaganda se fez sem método e sem programa, com a preocupação exclusiva de derribar a monarquia, e sem jámais cuidar em preparar, por um vasto plano de acção educativa, o espirito do povo para a transformação delineada. De sorte que a Republica, rebento casual duma efervescencia revolucionaria atijada e mantida pelas associações da carbonaria, nasceu sem cabeça e sem planos, iniciando a sua carreira nas violencias escusadas da caça ao jesuita, nas manifestações patrióticas a proposito de tudo e de nada, e nas divergencias irreductiveis dos homens do provisorio, destas derivando, acto continuo, a formação de trez partidos.

Não quero frisar a nota das adesivagens ignominiosas, nem das claudicações miseraveis. Todos sabem que a Republica foi invadida por uma malta de devoristas esfaimados, cujo idealismo apenas tinha em mira cevar o seu fragor nas delicias do erario!...

Mas se quizermos esquecer esses fracassos, teremos ainda que lamentar a desgraçada orientação dos processos governativos da Republica, que em 18 anos de existencia conturbada, nada reformou, nada aperfeioou, reduzindo-se a sua obra, dizer-se pode, a gerar os marmellos crus de trez abortos, ou seja o que nos fez O que eu ia escrever, santo Deus!

E, no entanto, que obra admiravel se poderia ter feito! Se em vez de frases sem sentido, os dirigentes republicanos nos houvessem dado reformas sociais; se em logar de manifestações e de revolucionarios civis a tanto por cabeça, se houvesse criado uma obra de assistencia social, instituindo paralelamente a instrução obrigatoria; se se houvesse instituindo leis de protecção ao trabalho e aos trabalhadores, imunizando estes contra a miseria do desemprego e da invalidez; se fundado se houvesse creches de assistencia infantil, escolas com cantinas, todo um vasto programa de reformas economicas e de fomento, em que se incluísse o desenvolvimento agricolo-industrial, outra seria a sorte da Republica, outro seria o estado mental e civico do povo, outra seria a situação do país... Mas o que se fez foi o contrario: fizeram-se partidos sem finalidade, criou-se uma burocracia de larvados, protegeram-se os camaleões sem vergonha, formaram-se as camorras do cacete e da bomba, e descambou-se, finalmente, no regimen dos camaleões de todo o genero, o mais nociyo dos quais, extravasando do sarçal angustioso da guerra, foi o dessa plutocracia insaciavel e corruptora, cujos tentaculos se espalharam por todo o vasto organismo do Estado, ilaqueando na cumplicidade de interesseira dos grandes negocios e das grandes pepineiras!... Que de crimes e de transigencias, meu Deus!...

E' esta a situação da Republica apoz os seus 18 anos de vigencia. Em ante-vesperas de maioridade, o regime não mostrou até á data um desejo honesto de morigerar-se. O povo sofre a miseria secular da sua condição. Nas choupanas do camponez e nas mansardas do operario, respira-se necessidade e porcaria. Ha casas que são peiores do que cortelhos. Ha ilhas que são viveiros de tuberculosos. Ha corpos que não sabem o que é higiene, como ha espiritos (espiritos?!) que ignoram as 25 letras do alfabeto. A Republica não é o regime da injustiça. O lema Liberdade, Igualdade, Fraternidade não pode reduzir-se a um geometrismo politico esterelizante. E' preciso fazer a Republica, para todos os portuêzes, mas faze-la dentro das normas duma justiça social que compreende a resolução dos problemas fundamentais. Depois do pão a instrução é a primeira necessidade do homem,—afirmou Danton.

Ou a Republica se faz, dando ao povo o pão e a instrução de que ele carece, ou não se faz, e o povo tomará por si aquilo a que a sua condição humana lhe dá direito.

Na comemoração do 18.º aniversario do regime, o meu maior desejo consubstancia-se neste grito: **Faça-se a Republica.**

il/
asti/

ro
ra
ra
m...
ra

ra
ra
educação
educação